

REPRESENTAÇÕES DAS CLASSES SECUNDÁRIAS EXPERIMENTAIS EM ESCOLAS PÚBLICAS EM ESTUDOS RECENTES DO ESTADO DE SÃO PAULO E DE PORTO ALEGRE

Cláudia Lethang dos Santos², Norberto Dallabrida³.

¹ Vinculado ao projeto “ Cultura Escolar nas Classes Secundárias Experimentais (décadas de 1950 e 1960)”

² Acadêmico (a) do Curso de Pedagogia – FAED – Bolsista PROBIC

³ Orientador, Departamento de Pedagogia à distância – CEAD – norberto.dallabrida@udesc.br

Com o fim do Estado Novo e o início da redemocratização, em 1945, foi retomada a perspectiva de renovação da educação nacional baseada no escolanovismo. Os intelectuais desse movimento questionavam a Lei Orgânica do Ensino Secundário em relação à rigidez curricular, ao ensino livresco e ao caráter excludente e elitista, propondo uma abertura à renovação educacional mais flexível e prática. Nesse contexto viabilizou-se a criação das classes secundárias experimentais (CSEs), um projeto renovador com metodologias ativas de ensino, que ia de encontro aos anseios dos estudantes, rompendo com o ensino tradicional em busca da democratização desse nível educacional. Desta forma, o presente trabalho traça uma historiográfica de experiências sobre as classes secundárias experimentais (CSEs) em escolas públicas brasileiras entre 1951 e 1968, através de duas teses de doutorado: “Classes Experimentais Secundárias de Instituições Públicas de Ensino do Estado de São Paulo: um estudo sobre formas de circulação e apropriação de práticas pedagógicas (1951-1962)”, de Letícia Vieira, defendida em 2020, e “Estudantes sob medida: usos da avaliação psicológica no Colégio de Aplicação da UFRGS (1959-1968)” de Juliana Topanotti dos Santos de Mello, publicada em 2020. Para ler as questões adotamos o conceito de representação do historiador francês Roger Chartier, definido a partir de dois âmbitos, fazer-se presente o faltoso, assim como construir a sua presença. Na tese “Classes Experimentais Secundárias de Instituições Públicas de Ensino do Estado de São Paulo: um estudo sobre formas de circulação e apropriação de práticas pedagógicas (1951-1962)”, Letícia Vieira analisa o Instituto Estadual Alberto Conte e o Instituto Narciso Pieroni, onde as *classes nouvelles*, matriz pedagógica francesa trazida para o Brasil em 1951 por Luis Contier após seu estágio em Sèvres, foi aplicada. A autora mostra primeiramente as semelhanças entre as instituições quanto aos métodos propostos na matriz francesa, como práticas de método ativo, orientação educacional, trabalhos por centro de interesse, conselhos de classe, estudo do meio e análise autogestão dos alunos. Segundo Vieira, a primeira experiência no Instituto Alberto Conte, fez uso incompleto do estudo por centros de interesse da matriz *classes nouvelles*, desconsiderando que os temas fossem levantados pelos estudantes ou a partir das realidades e necessidades destes. O estudo do meio contava com o auxílio coletivo de pais e arrecadações para seu custeio. Afinal, pelo caráter tático da apropriação não foi possível reduzir a turma para 25 estudantes, ficando um total de 40 e o trabalho de orientação Educacional era feito pelo próprio Luis Contier no cargo de diretor. Com a autorização das classes secundárias experimentais pelo Ministério da Educação em 1958 e implantação da primeira experiência oficial no Instituto Narciso Pieroni na Cidade de Socorro/ do estado de São Paulo, a redução de alunos por turma foi regulamentada, aproximando a experiência no Instituto Alberto Pieroni dos ideais escolanovistas. A Orientação Educacional

buscava sondar e instruir de acordo com tendências e demandas individuais. A participação ativa dos alunos nos processos de decisão dentro da instituição ocasionou maior interesse e respeito às regras de convívio social e as práticas de ensino integradas através de centros de interesse e trabalhos em grupo melhoraram, porém muitas críticas também foram tecidas por responsáveis alegando, por exemplo, excesso de liberdade que supostamente acarretava atitudes desafiadoras e desrespeito às hierarquias. A tese “Estudantes sob medida: usos da avaliação psicológica no Colégio de Aplicação da UFRGS (1959-1968)” de Juliana Topanotti dos Santos de Mello, trata dos testes psicológicos no processo de avaliação e seleção de estudantes no curso ginásial e colegial do Colégio de Aplicação (CAp) da UFRGS, instituição a qual assumiu a Orientação Educacional como foco de experimentações, com método hibridizado e forte referência da matriz Estadunidense Plano Morrison. As técnicas são analisadas demonstrando a constante transformação do processo, que se fragilizava com a previsibilidade, possibilitando o preparo dos alunos pelas famílias, influenciando na sua eficácia e justiça. Sendo a autora psicóloga e pedagoga, o olhar se deu de forma mais ampla sobre um tema circunscrito, considerando o contexto histórico, sem deixar de criticar a exclusão a qual esses processos expunham os estudantes que eram de diversas formas categorizados, ganhando rótulos possivelmente limitantes em seu desenvolvimento. Questiona também o conceito de normalidade utilizado como padrão avaliativo dentro das abordagens metodológicas, que privilegiam estudantes de famílias burguesas, perpetuando as divisões de classes. Apresentando os testes utilizados, a autora destaca que habilidade e inteligência são frequentemente confundidas e até mesmo misturadas, tornando os resultados duvidosos. Em São Paulo os ensaios ocorreram de forma mais semelhante à matriz francesa, enquanto no Colégio de Aplicação da UFRGS, diversas influências transformaram a experiência, afastando o seu processo dos princípios e objetivos primordiais. Leticia Vieira analisa o recorte temporal entre 1951 e 1962, apresentando o pioneirismo de Contier seguido da primeira experiência oficial, enquanto Juliana Topanotti estuda a década de 60, evidenciando como a Orientação Educacional ganhou espaço e importância a partir da sua obrigatoriedade ser sancionada. Conclui-se que as Classes Secundárias experimentais tiveram o objetivo de renovação alcançado, Leticia Vieira mostrando meios e métodos utilizados por Contier, apresentando resultados positivos que vêm ao encontro das necessidades dos estudantes, iniciando o processo de Orientação Educacional que ganha o foco de Juliana Topanotti na sua tese, mostrando que o Colégio de Aplicação da UFRGS que tratava-se de uma instituição que buscava se alinhar com os ideais Escolanovistas levou essas práticas à constante transformação através do hibridismo, porém trazia na sua conduta renovadora resquícios do tradicionalismo em limitações impostas quanto a leituras e vestimentas por exemplo, ambas contribuindo para nossa reflexão sobre condutas atuais e as relações de poder envolvidas nos processos, incentivando os estudos acerca da temática buscando novas transformações realmente democráticas.

Palavras-chave: Classes Secundárias Experimentais. Representação. Escola Pública.